



Monitor Mercantil / Jornal do Commercio - 12 Mai 2004

Investidores privados de energia sob alta tensão

A esta coluna, Claudio Sales, presidente da Câmara Brasileira de Investidores em Energia Elétrica (CBIEE), revela que a tensão não foi dissipada no setor com a recente medida provisória destinada a atrair investimentos. Falta a regulamentação das regras para o setor e reina apreensão entre os investidores. Os maiores investidores privados nacionais são os grupos Rede, VBC - Votorantin, Bradesco e Camargo Corrêa - e Cataguazes Leopoldina. Entre os estrangeiros, estão a franco/belga Tractebel, as empresas espanholas Iberdrola e Endesa, a portuguesa EDP, os americanos AES, Alliant, El Paso, PSEG e Duke e a francesa EDF.

- É ilusório pensar que, se quem já investiu não está sendo remunerado de forma condigna, novos investidores virão - acentua, lembrando que, de 1996 até agora, o setor privado investiu acima de US\$ 40 bilhões.

A entidade acha errado que se faça leilão de energia velha à custa das empresas geradoras existentes. Explica Sales que, pelas regras antigas, a parte de geração estava entregue à livre competição, com riscos de mercado, envolvendo prejuízos em caso de excesso de energia e lucros em fase de maior demanda. Segundo a CBIEE, a nova legislação, em fase de regulamentação, impõe segregação de mercado, determinando que quem já investiu só poderá vender sua energia a preço controlado, o que se torna um elemento inibidor, segundo a CBIEE.

Cita que o Risco Brasil e o risco do setor elétrico são aceitáveis, mas que os investidores têm de conviver com risco tributário, ambiental, político, regulatório e cambial. Apesar das críticas que os investidores privados de energia recebem, Claudio Sales destaca que, de sua receita, 75% correspondem a impostos e gastos com a compra de energia, restando portanto apenas 25% para o que se chama de custos gerenciáveis pela empresa.

Caso da Argentina

Claudio Sales não quer fazer comparações com a vizinha Argentina, que vive falta de energia, mas afirma que o setor precisa, a cada ano, de R\$ 20 bilhões em investimentos, dos quais R\$ 11 bilhões teriam de vir do setor privado.

- O que posso dizer é que o setor privado está parado, à espera das novas normas. De uma forma otimista, quero dizer que ainda há tempo para se evitar que o Brasil volte a ter racionamento de energia.

Segundo ele, os atuais investimentos são projetos antigos em andamento ou então projetos que ainda foram feitos com garantia das regras anteriores. Projetos totalmente novos da área privada não existem. Para a CBIEE, alguns dos fantasmas do setor são: carga tributária, instabilidade de marco regulatório, existência de ataques à agência reguladora e falta de clareza quanto aos papéis estatal e privado na retomada dos investimentos.

É claro que o investidor privado visa ao lucro, mas, se o governo admite que não pode ser responsável pelos investimentos necessários para atender à demanda brasileira - 2274 MW médios anuais - há que se encontrar uma fórmula de atrair o setor privado, sob pena de se ter o pior, que é falta de energia.